

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

ACM e Amazônia

• A Bahia deve parar hoje. A população acompanhará a acareação de ACM com a ex-diretora do Prodasen Regina Borges, como se fosse uma final de Copa do Mundo. Em Brasília, os políticos tampouco se interessarão por outra coisa. A transmissão da TV Senado terá o seu maior índice de audiência. Também serei um atento telespectador, mas continuarei escrevendo sobre a Amazônia.

ACM passa, a Amazônia fica. ACM passa porque ninguém resiste ao tempo. Antonio Carlos, o verdadeiro, o Ribeiro de Andrada, governador de Minas que levou o estado a aderir à revolução de 1930, quando foi presidente da Câmara, costumava interromper os bons oradores que ultrapassavam o tempo dizendo: "Nosso inimigo, o tempo, já se esgotou". Aos próximos e chatos, advertia: "Nosso amigo, o tempo, já se esgotou".

A escolha de cada um em relação a ACM pode ser a mesma, segundo as simpatias ou antipatias que sentem pelo grande soba baiano. Inexoravelmente, como todos nós, será derrotado pelo tempo. Trata-se hoje de saber a extensão do tempo político que lhe resta. A acareação, humilhante para o senador e para o Senado, pode encurtá-lo, ainda que dificilmente o que for dito mudará o julgamento de algum membro da Comissão de Ética. O prejulgamento dos senadores acompanha o da opinião pública nacional, que, contrariamente à opinião baiana, é desfavorável a ACM.

Confio na sensibilidade e argúcia de minhas colegas colunistas para interpretar e transmitir o sentimento dos políticos. São insuperáveis pastoras dessa grei. Já as operosas repórteres se encarregarão de colher opiniões e relatar as repercussões. O que nenhum outro jornalista fará é dar notícias da Amazônia, para onde fui levado pela FAB, com seis deputados federais, para conhecer a implantação do projeto Sivam.

A Amazônia fica. Fica em mãos brasileiras, se dela soubermos cuidar, buscarmos conhecê-la e preservá-la. Caso contrário, acabaremos por perdê-la, como acontece com as fortunas dos herdeiros pródigos.

As idéias mais difundidas sobre a utilidade do Sivam é que os seus radares e sensores permitirão o policiamento do espaço aéreo da região, que corresponde a 46% do território nacional. Darão, ainda, proteção ao voo de aeronaves comerciais, que hoje voam despercebidas e, se tiverem alguma pane ou acidente, dificilmente poderão ser localizadas. Ambas as idéias são certas, mas limitadas. O Sivam é muito mais do que isso. É o maior projeto de proteção ambiental em curso no mundo. Permitirá detectar a poluição do ar e da água, avaliar os danos produzidos por queimadas e inundações, apoiar atividades de zoneamento e análise do uso do solo. Os

mapas que produzirá diariamente permitirão o planejamento da ocupação do território, a identificação de problemas de saúde e a criação de programas de prevenção e controle de doenças, além da detecção de minerações ilegais, inclusive garimpos, e a derrubada de madeira.

Quando se sobrevoa as cidades amazônicas, como Manaus e Santarém, tem-se a informação visual do corte de madeiras. Os igarapés estão atulhados de grandes troncos, quase todos abatidos ilegalmente. No entanto, quando se voa de um para outro aeroporto, tem-se a impressão de estar a mata intocada. Os conhecedores explicam que quem desmata são os agricultores, que derrubam tudo o que existe num terreno, para plantar pasto ou alguma cultura, que em dois ou três anos se tornará um areal estéril. As madeiras só cortam as árvores que lhes interessam, deixando as demais. Há, ainda, áreas de campos naturais, onde nunca houve floresta, como as que circundam Tiliós, a 15km da fronteira com o Suriname. Lá, a estação de radar está ainda em início de construção, mas será um ponto estratégico de observação dos vãos de narcotraficantes, de vez que o Suriname é uma importante base de exportação de cocaína colombiana.

Uma preocupação constante dos militares da Aeronáutica, responsáveis pela implantação do sistema, é evitar a repetição do que aconteceu com o Projeto Calha Norte. O Calha Norte previa a presença de diversas organizações civis nos pelotões de fronteiras: Polícia Federal, Receita, secretarias estaduais de Saúde, Funai, Correios etc. Na realidade, só os militares do Exército, apoiados pela FAB e, por vezes, pela Funai, estão presentes. Nem os hospitais já construídos os governos estaduais conseguiram povoar. O de São Gabriel da Cachoeira, por exemplo, passou anos fechado até que o Exército o assumisse.

Na semana passada houve em Manaus uma sessão especial da SBPC dedicada à Amazônia. Alguns cientistas acusaram o Sivam de querer esconder os dados que levantará. O brigadeiro Bellon, chefe do Sivam, comentou:

— O nosso banco de dados estará aberto a quem precisar de informações. É só se inscrever no Sipam. Temos até salas disponíveis, equipadas com ar-condicionado.